



ASSINATURAS	
Numero avulso . . .	\$50
Trimestre	3\$00
Anuncios, por linha .	\$50
Anuncios permanentes (Preço convencional)	

ALMA ACADÉMICA

CORPO REDACTORIAL
 J. Rocha e Cunha
 Raul Regala
 Alberto Pires
 Carlos Coimbra
 Armando Seabra
(Artístico)

Propriedade da Academia do Liceu de Aveiro

Redação e Administração
LICEU-AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Manuel Cardoso
 ADMINISTRADOR
Euclides Dias

Apreciam-se os livros de que nos fôr enviado um exemplar.
 Comp. e imp. Tip. Progresso (a electricidade) — AVEIRO

REAPARECENDO

Os fins a que nos propomos

Sê bom, meu filho! Tão bom como a arvore de sândalo que ainda perfuma o machado que a corta.

Buda

Dentro dos acanhados recursos de que dispomos, dentro desta timidez tão própria da mocidade do nosso tempo, e dos escabrosos espinhos que tohem tódas as emprezas, ainda as mais louváveis, é, sem dúvida, um grande empreendimento a fundação dum jornal. Não pretendemos mostrar neste momento as dificuldades com que temos de lutar, para desta forma, tornar mais apreciavel e fazer realçar esta nossa empreza.

Pretendemos simplesmente, notai bem, que todos os colegas do nosso liceu saibam corresponder com galhardia, prestando-nos o seu auxilio, a este grito de revolta contra esta apatia abominavel, esta vontade de nada fazer da geração presente.

Preguntamos nós, Haverá, porventura, o direito de nos conservarmos inativos quando a nossa Pátria precisa de homens, quando temos, dadas as circunstâncias em que nos encontramos, o dever imperioso de atestar a vitalidade da nossa raça, para que tenhamos jus ao lugar a que aspiramos! Foi convencidos desta verdade que encetamos esta obra, certos que de alguma forma havemos de concorrer não só para o levantamento do nível da academia do nosso Liceu, mas ainda para mostrar, a quem já usa barbas brancas, que a mocidade actual, se bem que destituida de grandes facultades intellectrais, trabalha para o bom nome de Portugal, mas muito acima desse monturo putrefacto que é a politica.

Nós temos também o nosso ideal, mas um ideal maior, mais são e mais elevado: a preparação das nossas almas, da nossa fé e do nosso caracter.

Fundar um jornal num liceu é facultar aos jovens estudantes um horizonte que embora pouco espaçoso, chega perfeitamente para aí ensaiar os seus vãos de passarinhos quasi implumes, para depois, quando crescidos, já fortes e vigorosos se lançarem abertamente por sobre estes abismos insondaveis da existência.

Nós pretendemos que este nosso quinzenário seja um grito constante de revolta contra esta improductividade indesculpavel, esta

AVANTE

MAIS uma vez um punhado de moços da Academia de Aveiro vem, num impulso de ânimo generoso e de comunicabilidade expansiva, trazer, à luz da imprensa, a revelação viril dum pensar activo, a manifestação franca de sentimentos sãdios, um cântico de beleza e de vida.

Propõem-se convidar ao culto dos mais nobres ideais os colegas a quem faltava apenas um incentivo mais forte para irromperem em manifestações estuantes de fé no esforço próprio, de crença nos impulsos fecundos da sua iniciativa, de esperança no futuro que, para elles, se antolha florido de sonhos.

Não trazem no peito ódios nem retaliações; nas colunas do seu jornalzinho nunca se abrigará o despeito; jamais, das suas páginas, se desprenderão palavras de acrimónia ou gritos de rebeldia.

Vêm saudar confiadamente o provir. Querem, à semelhança da águia, altearem-se no espaço e olhar com desassombro o sol da sua juventude. Propõem-se lutar por um futuro melhor e convidar ao banquete da beleza e da vida os que, sendo da grei, com eles queiram colaborar numa obra comum de nobre isenção e de ressurgimento colectivo.

A «Alma Académica» propõe-se ser campo aberto a tódas as iniciativas fecundas, às manifestações mais vividas e fortes da mocidade estudiosa de Aveiro.

Ao serem-me comunicados estes intentos, não pude deixar de os saudar com a mais profunda emoção, de lhes desejar o triunfo mais completo para a sua obra e de os estimular a manter bem íntegra a pureza das suas ideias e a sempre as conservar immaculados.

Aos moços da «Alma Académica» vai, com estas singelas saudações, o testemunho mais vivo da minha simpatia.

Que sejam felizes neste empreendimento e com os olhos postos no futuro, caminhem ávante, sem desfalecimentos, pela estriada desassomburada que lhes traçou a sua nobre ousadia.

Pedro Gradil

apatia enervante, esta inacção incompreensível num povo tão cundo de glórias, coroado por louros resplendentes de tantas vitórias.

Queremos contribuir de alguma maneira para a formação do espirito dos homens de amanhã, fazê-los bons e justos.

Desejamos indicar-lhes como há anos França Martins, trabalhador incansável e Ernesto Ratola cuja memória para todos nós é sagrada, o caminho do bem e da virtude. Dar-lhes um exemplo que a nós nos foi também transmitido:

—Trabalhar pelo bem da sociedade, dos nossos filhos, e da nossa Pátria —Mostrar-lhes que só uma grande fôrça de vontade, uma energia de ferro e uma vontade indomável nos poderá, hoje, que a sociedade se encontra tão

desmoralizada, desviar da vórgem ameaçadora em que nos debatemos, deste labirinto onde a maldade, a intriga, a inveja, a ignorancia, o ódio e a falta de caracter se chocam a cada passo com todos os empreendimentos justos.

Desejamos também saudar toda a imprensa nacional e agradecer, desde já, aos nossos professores que tão gentilmente pretendem colaborar conosco nesta obra sublime da preparação dos espiritos do futuro escol da nossa sociedade.

Pela Alma Académica,
Manuel Cardoso

Por absoluta falta de espaço foi-nos impossível publicar alguns artigos, pelo que desde já, pedimos desculpa.

O reaparecimento da ALMA

Vê mais uma vez a luz da publicidade este periódico da Academia de Aveiro, órgão fundado pelas almas ardentes, de sonhadores e de patriotas, de França Martins e de Ernesto Ratola, que lhe emprestaram toda a actividade de suas juventudes.

Este último caiu há pouco no tûmulo vencido pelo golpe fatal do Destino atroz.

Foi um combatente que baqueou em plena luta, e na ocasião em que tanto havia a esperar do seu espirito. E' nosso dever, pois, antes de mais nada, curvarmo-nos reverentes perante a sua memória.

Após vicissitudes várias porque tem passado a sua publicação, a «Alma Académica» aparece novamente cheia de vigor, cheia de vida, e cheia de esperanças no futuro.

E' o nosso órgão querido, é o baluarte da defesa dos nossos interesses de académicos, e é, ao mesmo tempo, um jornal onde podem colaborar e expôr as suas emoções tódos os colegas que sentirem na sua alma os primeiros assomos duma mocidade vivente, cheia de esperanças e cheia de ilusões.

Não se incorporam nas normas do seu programa, preocupações politicas, essas nulidades mesquinhas onde todos os sentimentos bons e generosos, sofrem uma profunda corrupção.

A Alma é um órgão de combate, mas onde só se admitem guerreiros que queiram colaborar no engrandecimento da Patria, no progresso da Academia Portuguesa e muito especialmente no da Academia Aveirense.

Por isso, trabalhemos tódos cem afinco para que o nosso jornal avance, progrida e se espalhe por toda a familia académica de Portugal, se tanto fôr possível, estimulando os ânimos e levando a luz espirital de que tanto carece a sua intelligência, para que possa ser fecundo e seu esforço no Ressurgimento duma Patria que já foi Grande aos olhos de tódo o mundo e que há-de ser sempre Gloriosa e Eterna.

Avante, pois, oh! Mocidade Académica de Aveiro!

Aveiro, 22-1-1928.

José Amador.

Pela ALMA

E' dever de todo o estudante que se preza, assinar, lêr e propagar a «Alma Académica».

O meu artigo

... Entra mosca ou sai asneira

E' costume que não tenho; o de escrever para as gazetas. Nunca o adquirei, não sei porquê.

Quando se anda no liceu, e mais quando se frequenta a Universidade, começam a ensaiar-se, lá mais tropeços, aqui já mais leves, uns passeios pelo campo da literatura em artigos saindo pelos jornais que o entusiasmo e a necessidade de expansão dos estudantes moços cria sempre.

Mas, eu ainda mal comecei e, os meus passos são tão incertos, que tenho de meter-me a andar de gatinhas. Quando se anda desta forma é devagar e é tórto: é mal.

Não quiz, porém, recusar-me a satisfazer a solicitação amável, que o nosso Cardoso me fez, de escrever umas linhas, de quando em quando e a começar já hoje, para a «Alma Académica».

Hoje, ainda lhe não faço a vontade, venho simplesmente agradecer-lhe a lembrança que de mim teve, e avisá-lo de que uma pessoa como eu só serve para afugentar leitores.

Fico, por isso, á espera que qualquer dia destes me chegue um officio do Director da «Alma Académica» revogando o convite que me foi feito; apresentando-me todas as desculpas, mas que o jornal não é só dele e que queriam mantê-lo em circulação...

Se, no entanto, a amabilidade chegar a tanto, que depois dum convite que só pela amizade á pessoa que mo fez eu tive a coragem de aceitar, conhecendo a carência de qualidades de que sou possuidor, ainda publiquem a minha prosa—versos prometo que não farei—se a amabilidade chegar a tanto, o leitor terá o desgosto de vêr occupado por mim o espaço que alguém preencheria brilhantemente.

* * *

Os amigos metem-nos, ás vezes, em cada uma!

Ora eu não podia criar a celebridade pelo silêncio? E que respeitavel conselheiro Pacheco eu daria para mais tarde!

D. Duardos.

Pediu transferência para Coimbra o nosso colega da 7.ª classe de letras Alberto de Oliveira.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

“Auras da realidade...”

A VIDA.. O REMEDIO...

(No meu amigo Cardoso)

A Vida é a pesada carga que faz curvar humilhada a humanidade inteira — que faz representar ao homem consoante os seus vaidosos caprichos, os mais áridos, grotêscos e vis papeis!

A Vida, é o mais cruel dos males e dos enganos, a maior das misérias, a horrível e pérfida serpente, envenenadora dos pobres corações humanos!

Dela veem os crimes, as falsidades, as ambições, as maldades, as tristezas.

Emfim, E' nascer, empregar-se a mocidade, a velhice, numa lida maléfica, física ou espiritual, defrontando perigos, passando abismos, caíndo em profundos barrancos, até que a Morte ainda cheia de vigor, nos leva cair sob o frio silêncio das profundezas do sepulcro!

Disse maléfica, porque esta é só empregada a praticar o Mal e não o Bem!

E nunca nenhum mortal julgue que agradeu praticando este último—porque se o praticou, dando-o a alguém, muitos ficaram prejudicados ou insultados—muitos vêem isso com maus olhos, que são os olhos da Inveja.

E se por mero acaso se arruinou, moral, física ou economicamente, quanta gente malvada, ou mesmo o favorecido, lhe lança em rosto as mais brutais e escandalosas palavras, a mais mordaz das críticas, o maior e o mais cruel dos escárnios!

Portanto, o Bem banal, não é agradável a todos—o extremo Bem, só Deus o poderá conceder.

Ora se o primeiro, o dos homens, agrada a uns, mas desagrada á maior parte... não é um Bem, é um Mal.

* * *

Mesmo aqueles que julgam estar bem, não estão—e estes que julgam estar bem, são aqueles á quem chamamos Bons. Embaraços a cada passo, as calamidades mais tremendas, os desastres mais horríveis, as dôres mais profundas! E basta, além disto, a infelicidade alheia, para entristecer e atemorizar.

Há também pensamentos tristes, remorsos profundos de acções que nunca esquecem, através da Vida passada—há sempre o nervosismo pela Vida presente, o medo pela Vida futura.

Para aqueles que afirmam, que a Vida é suave e alegre, eu direi que só isso acontece, naqueles felizes que nela não pensam, naqueles que desprezam o «dia de amanhã», naqueles... que de coração frio e empedernido, não sentem a própria miséria ou mesquinhez, não sentem a infelicidade alheia!

Ora os corações que assim procedem, os cérebros que assim pensam, não podem, nem devem pertencer, ás delicadas massas dos corpos humanos.

Porque o homem tem coração e tem cérebro—e por mais maligno e desorientado que ele seja, tem momentos em que dominado pelo pensamento, tem ocasiões em que é atacado pelo sentir—mas que sentir!... Talvez o mais forte e o mais cruel de todos!

Mas... caros leitores, até as próprias feras pensam e sentem. O leão, se lhe matarem a companheira, perde a vontade própria, anda longos dias cabisbaixo e pesaroso, e atrôa as selvas com rugidos pungentes duma dôr profunda.

E porquê?... Porque sentiu, e sabê-la morta. Ora, se para sentir é preciso saber... para saber, é preciso pensar.

Portanto pensou, e sentiu.

E com certeza, não consideram o homem, por mais estúpido, por mais selvagem que ele seja, inferior no pensar e no sentir a um animal quadrúpede!

Não. Tudo... menos isso.

* * *

Há, porém, um remédio razoável para afugentar o fantasma da Vida, por algumas horas durante o dia... «Trabalhar, cantando.» Porque... «Quem canta, seu mal espanta»...

Trabalhem pois, rapazes, cantemos...

Aveiro, 928.

EUCLIDES DIAS

Este numero foi visado pela comissão de censura.

De Longe

A' hora do chá...

Cinco horas. Atmosfera morna de fumo caro e de chá chic. Muitas mesas, muita gente, muitas palavras e muitas atitudes.

Os cristais tornam amálgama a multidão que se cumpre e toma chá...

Sentados a uma mezinha minúscula, num canto da sala junto ao «jazz», Ela, fina, voluptuosa e loira, de olhos azuis, azuladamente crueis e Ele, forte, moreno, pupilas negras fosforescentes «grand-poseur», conversavam animadamente.

Ele—Não tenha pena de ser mulher; a mulher é a vida, a razão de ser dos homens, a ância do viver...

Ela—Não, meu caro Dr.. E' desolador ser mulher... A Vida?...

Ele... é a mulher em sintese...

Ela—E' um mistério. A mulher é um mistério dum mistério que afinal é a Vida... Abismo que não tem fundo...

Ele—Não diga heresias; V. é a mulher mais adorável que conheço, mas faz filosofia com tanto á vontade como eu fumo este «Abdula»...

Ela—Não me conhece, V. não conhece as mulheres por dentro. Os homens procuram-nas e perdem-se nesse abismo de luz,—como vocês nos chamam—em extasi, ceguinhos de tódo, precisamente quando julgam encontrar-nos.

Ele—Não faça «blague» com estas coisas... O que seria do amor nessa confusão de abismos e mistérios?

Ela—Outro misterio, meu caro dr. A mulher tem sempre no espirito, como um anátema cruel, a preocupação de não ser mulher e no coração o mistério bem mais terrível da dôr de ser mulher... E' a nossa grande inferioridade...

Ele—E' precisamente a superioridade da mulher, tão grande que idealizamos nela a felicidade...

Ela—Olhe, dr., una todas as mulheres e terá um mistério só... o mistério da perdição dos homens...

Ele—Você hoje está insupportável, não se pode conversar consigo...

Ele—Estou a pensar em si; talvez a chegue a conhecer por dentro...

Ela—Ora, deixe lá isso. Vamos dançar este Tango, quer?

Ele—Sim...

Ela—Mas vai prometer-me que põe fora esse olhar incandescente, provocador, que incendeia os meus olhos... Tenho medo...

A languidez dum tango ritual vibrou,—Média-luz das almas em alvoradas de desejos...—e os pares rodopiaram lentos, enquanto Ele, ardente, um sorriso de triunfo a bailar-lhe nos olhos negros... dava os primeiros passos para o abismo doirado, que era essa mulher loira, ritmicamente, aquela hora morna do chá das cinco...

Ray.

**HORTA
DA
BOA LARACHA**

«Não ha officio peor que fazer rir pessoas decentes!» — Disse Molière.

Serve esta frase do distincto cómico para mostrar que me acho sériamente atrapalhado. Eis-me aqui a tratar dum officio que nunca pensei em exercer, fazer rir.

Ora esta!

Mas... não sei como começar.

Lá vai.

O nosso director pronunciou-me ao ouvido umas falinhas mansas tão suas característiscas, que podem resumir-se nos três seguintes artigos:

1.º E' criada na «Alma» uma nova secção intitulada «Horta da boa laracha», onde se tratará dos mais diversos assuntos mas sempre com um único intuito: fazer rir.

2.º Fica a cargo do *Hortelão X* que tem por obrigação tratar bem a horta, não deixando os insectos daninhos entrar na hortaliça.

3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Tentei opôr-me mas estamos em ditadura, e o nosso director armou em ditador...

Chorei, soprei, supliquei, pedinchei e manteve-se imperturbável.

Só consegui no final esta resposta:

—Vai! Estão proibidas as atenções para com os suplicantes!

Olhei, divisei, prescretei, mas na minha frente só a solidão, a tristeza, a morte... Havia desaparecido.

Vi ser inútil resistir. Aqueles três artigos comprimiam-me, faziam-me estremeecer os interiores desde a abóbada palatina até ao an... ó Zefal...

Malditos artigos!

Fazer rir!

Olhem que brincadeira!

Vamos a vêr como me saio deste aperto.

Comecemos, ou antes, continuemos.

Portanto, tens de me aturar, leitor (aqueles que quizerem e se os houver) nesta coluna que sai do alto da página 3.

Vamos agora dar uma olhadela de olho aos nossos vizinhos do lado.

Não são maus.

Do lado direito... oh! já me esquecia que estava num bêco sem saída.

Do lado esquerdo não há nada, só dobrando a esquina é que encontramos os nossos amigos annuncios, uns velhos, outros novos.

Alguns foram amigos de *Peniche*.

A direita o nosso velho amigo (já tem um ano, coitado!) «tangendo a lira».

Aqui estamos agora nós para os leitores dos nossos dois vizinhos, que lançarem um olhar desculpado para a esquadra.

Uff!

Já não podia mais.

Tangendo as Liras

A ALGUEM

*Se de Raquel Jacob se apaixonou,
(Segundo a lenda por Camões descrita)
Porque temer do amor essa desdita
A que esse teu desdem me condenou?*

*Se só de amor a espécie se gerou,
E pelo amor se extorse e freme e agita,
Porque te esquivas, Santa, a quem te fita,
Qual ser que o teu olhar hipnotizou?!...*

*Impõe-me se te apraz, um vil castigo
Por esta confissão do amor que abrigo
Dentro em meu ser, em perenal magia,*

*Mas, antes, ouve: não desdenhes mais
Do meu sofrer intenso, dos meus ais,
Da minha inexpressiva hipocondria!...*

Manuel Cardoso

Foi com satisfação que ouvi a meu lado, a voz do tipógrafo dizer-me:

—Já deve chegar!

Larguei a pena com grande alvoroço, mas agora me lembro... Daqui a 15 dias novo trabalho para esta horta!

Ao «terminus» do n.º 1 já eu cheguei; falta agora apanhar o fim nos números seguintes.

—Eureka! Eureka!

Tudo se arranja! Basta o seguinte, leitor amigo:

—Chego-me com pésinhos de lã ao pé do sr. tipógrafo e digolhe:

—Ponha-me lá isso com letra gôrda!

E assim dou solução a um problema difficil, pelo que a posteridade me deve laurear.

—Perdôa, tipógrafo amigo, mas estou aproveitando a inspiração que me sai em catadupas da massa encefálica!

Assim fôsse para os números seguintes!

E pôsto isto, até ao dia 15, ó tu que tiveste a coragem de me lêr até ao fim.

Hortelão X

FOOT-BALL

No passado domingo, dia 29, a convite do Sport Club Beira Mar, visitou esta cidade o team de honra da Associação Académica de Coimbra. O desafio foi disputado com grande energia e entusiasmo, tendo os académicos mais uma vez atestado a sua boa técnica e correcção. Terminou o desafio com a victória da A. Académica por 5-2.

Num dos próximos números iniciaremos uma série de entrevistas com os directores dos diferentes clubes de Aveiro.

NOTÍCIAS

Recebemos e agradecemos a visita dos nossos colegas: «Capas Negras», de Faro, e «Capa», de Leiria. Vamos permutar.

Realizou uma conferência no passado dia 24, na biblioteca do nosso Liceu, o ilustre professor da Universidade do Porto, sr. dr. Bento Carqueja, que tendo por tema «A utilização da ria de Aveiro», nos mostrou em amenas palavras o interesse que lhe desperta a nossa terra e o progresso das coisas boas de Portugal.

A S. Ex.º os nossos agradecimentos pela aprazível audição que nos proporcionou.

Encontra-se gravemente doente o pai do nosso colega João Peixinho, Dr. Joaquim Simões Peixinho.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

Para o Ex.º Sr. Dr. Pedro Gradil, distincto professor do liceu os nossos agradecimentos pela maneira correcta com que nos recebeu e a fina gentileza com que se prestou a apresentar o nosso jornal

Leiam a 4.º página.

SONHANDO...

Outrora, em tempos já cobertos pela poeira dos séculos, havia um palminho de terra, com os seus pomares em flôr e iluminado pelos raios brilhantes de noites de luar...

Ali, onde a imensidão celeste era duma limpidez encantadora e pura, vivia um poeta, cavaleiro do sonho e de dôr no olhar, enamorado duma princeza de cabelo loiro, como espigas de trigo onduladas por brando zéfiro.

Todas as noites o poeta, tinha para aquela que amava, canções tristes, orações murmuradas baixinho, não fôsem os passarinhos divulgar o sentimento que alimentava no íntimo do peito. Dirigia-se aos sítios onde vivia a princeza branca como os círios, alva como a neve, e quando voltava, vinha triste, a soluçar, por vêr cair o castelo de ilusões do seu primeiro amor...

Uma noite—talvez as ilusões fôsem maiores—ouviram-lhe estas frases entrecortadas por soluços:

Senhora formosa!...

Acredita, êste amor que eu trago no meu coração... por vos ter visto numa noite de luar e de tristeza!...

Não sejas tão cruel!...

Oh! nunca tivesse eu nascido... para não suportar o mal de que ora enfermo!...

Que hei-de fazer, eu, peccador cativo, sem o vosso amor?!...

Oh! só há um recurso, morrer!

Sim, morrer! Achar na morte uma protecção contra a guerra implacavel da vida!

Ser ali amado e correspondido, como nunca o fui em vida!

Depois desta noite nunca mais apparecera, indo talvez cumprir na morte a promessa feita em vida.

A princeza cruel viveu muitos anos feliz, descuidada, não se lembrando do poeta que dela se havia enamorado numa noite de luar e de tristeza.

Aveiro, 25-1-928.

D. C.

Pelo Liceu

Prepara-se no nosso liceu uma orquestra, sob a direcção do Ex.º Senhor Dr. Vasco Rocha.

Fazemos votos para que consigam os seus fins.

LIVRARIA

João Vieira da Cunha

Rua Direitar 70—AVEIRO

Grande sortido de Papelaria
Artigos de escritório. Sacas para livros. Louzas. Artigos
para desenho e pintura. Perfumarias. Sabonetes.
Quinquilherias. Postais ilustrados. etc. etc.

LIVRARIA CENTRAL

DE
ARTUR DOS REIS

Arco—Entre Pontes

Papelaria. Perfumaria. Tabacos. Postais Ilustrados
Objetos de Escritório e Pintura.
Livros Escolares. Scientificos. Recreativos. Romances.
Poesias. Obras Francezas. Todas as novidades literárias.
Scientificas. Artigos de Fotografia
Esta casa encarrega-se de revelar e tirar provas

Baptista Moreira

AVEIRO

Sortido completo de artigos
fotográficos
REPRESENTANTE DA CASA

KODAK, GARCEZ, etc.

Sortido semanal duma maquina
fotográfica por 2\$50

Barbearia Académica

DE

ALVARO FERREIRA

Otima execução em cabelos de
senhora

RUA BENTO DE MOURA

AVEIRO

ESTABELECIMENTO

DE

MERCEARIA

de

FRANCISCO A. MEIRELES

PRAÇA 14 DE JULHO

Aveiro

Completo sortido de Merceria,
Vinhas finos, Papelaria, etc.

Agente da Companhia de Seguros
"ARGOS"

Sortido Completo de Café e Pastelaria

Licores, Vinhos finos, Champagnes

Sandwiches e bijes

Fabricação de Ovos moles

TABACOS

DE
Antonio Campos

Executam-se encomendas de pastels
bolos finos, pudings, pão de ló, etc., etc

Grande Sortido de Biscoitos

Praça do Comercio—Aveiro

SOUZO RACOLA

(Antiga Casa Costeira)

(Casa fundada em 1901)

Avenida Bento de Moura—AVEIRO

Ourivesaria, = Serviço de prata, serpentinas, sal-
vas, faqueiros, cristais guarnecidos a prata, estojos pa-
ra brindes, correntes, adreces e aneis. JOIAS—Em pla-
tina, ouro e ouro branco, colares de perolas. RELOJO-
ARIA—Relógios de pulso em ouro para senhora e ho-
mem, de parede, bolso e carrilho, Longines, sete
grandes prémios.

Perfumaria nacional e estrangeiro. Tabacaria. Navalhas alemães.
Canetas conklins. Postais da cidade e albuns

TIPOGRAFIA PROGRESSO

DE

OLGA TAVARES

Nesta officina executam-se todos os trabalhos ti-
pográficos por preços módicos

Trabalhos de encadernação em todos os generos

— RUA DIREITA N.º 75 —

AVEIRO

